



Revista de Linguística e Teoria Literária • ISSN 2176-6800

Apresentação

Apresentamos à comunidade acadêmica, com grande prazer e satisfação, mais um número da revista *Via Litterae*. Os 11 artigos que ora publicamos, além de revelarem a vitalidade da área de Letras/Linguística no Brasil, também apontam para as possibilidades que a produção brasileira da área tem de lançar luzes sobre fenômenos linguísticos que ultrapassam as fronteiras brasileiras e chegam ao outro lado do Atlântico. É o que podemos ver nos textos de Alexandre António Timbane e Djiby Mané, por exemplo, que tratam das relações entre o português e as demais línguas faladas no continente africano.

Esta edição inicia com uma reflexão sobre a situação do português em Moçambique. É o texto “Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique”, de Alexandre António Timbane, que discute as noções de variação e mudança linguísticas e sua relação com os estrangeirismos e empréstimos linguísticos no contexto da mídia escrita moçambicana. A convivência, em Moçambique, do português – língua oficial – com mais de 20 línguas Bantu e duas asiáticas propicia um *locus* privilegiado de discussão sobre as noções sociolinguísticas clássicas de ‘estrangeirismo’ e ‘empréstimo’. Timbane, a partir da análise de um *corpus* composto por 27 cartas de opinião recolhidas no jornal *Notícias*, descreve o processo de integração de “novas” palavras no português moçambicano e mostra que a maior parte dos empréstimos e estrangeirismos provém das línguas Bantu faladas no país. Além do aspecto descritivo, o texto abre caminho para a discussão do preconceito que o uso de estrangeirismos ainda desperta no meio escolar moçambicano.

Outra discussão importante, e ainda no contexto geográfico africano, é a que o pesquisador Djiby Mané desenvolve no texto “As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico”. Esse artigo busca discutir, a partir de textos clássicos da área, a distinção entre língua e dialeto, considerando fatores linguísticos, históricos, geográficos e sociopolíticos. Nessa discussão, entram em cena noções como prestígio, preconceito, cultura letrada, cultura oral, estratificação social, etc. Para fundamentar empiricamente seus argumentos, Djiby Mané recorre à relação que se estabelece entre o crioulo e o português na Guiné-Bissau.

O trabalho de Cláudia Helena Dutra da Silva, “Letramento: práticas sociais de leitura e escrita de línguas adicionais”, propõe uma reflexão sobre o ensino de línguas adicionais que seja voltado para o letramento, considerado como uma prática social que contempla a leitura e a escrita como ações sociais. A autora defende que o letramento deve ser uma meta da escola e apresenta alguns estudos sobre letramento e ensino de línguas adicionais. Além disso, trata da questão da avaliação, articulando-a com as discussões empreendidas no decorrer do artigo.

A Linguística de *Corpus* também está presente neste número da *Via Litterae*, representada pelo artigo “Jogos eletrônicos em língua inglesa: aspectos quantitativos do conteúdo lexical”, escrito pelos pesquisadores Eduardo Batista da Silva, Jaqueline Borges Corrêa e Leandro Mariano da Silva. O objetivo geral desse texto é analisar quantitativamente o vocabulário da língua inglesa presente em três jogos eletrônicos (*Grand Theft Auto: San Andreas*, *Need for Speed Pro Street* e *Neverwinter Nights I*). Os resultados obtidos, ao revelarem que quase 80% do vocabulário contido nesses jogos é de palavras frequentes na língua inglesa, leva os autores a concluir que a utilização de jogos eletrônicos pode ser uma boa estratégia para a prática do vocabulário de língua inglesa.

O quinto texto que compõe esta edição, escrito por Gláucia Vieira Cândido e Lincoln Almir Amarante Ribeiro (*in memoriam*), intitula-se “Sintagmas nominais plenos: a marca de transitividade na língua Shanenawa (família Pano)” e apresenta uma descrição do modo como o Shanenawa (língua indígena brasileira) marca a distinção entre nome com função de sujeito de verbo transitivo e intransitivo e nome que desempenha a função de objeto direto. Para isso, os autores recorrem à comparação do Shanenawa com outras línguas da família Pano, e às regras usadas na teorização acerca da forma gramatical do Proto-Pano.

O sexto artigo, “A variação dos verbos colocar e botar na modalidade oral da língua”, das autoras Kricia Helena Barreto, Nathália Felix de Oliveira, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, busca descrever sincronicamente a variação linguística no uso dos verbos ‘colocar’ e ‘botar’. Para isso, foram utilizados dois *corpora* representativos da modalidade oral informal da língua: o Projeto *Mineirês: a construção de um dialeto* (UFMG) e o Projeto NURC/RJ (UFRJ). As análises quantitativas utilizaram como ferramenta o programa computacional VARBRUL. Apesar de as análises se basearem em dados estatísticos sobre os fatores mais relevantes para o favorecimento da variação entre os dois verbos, as autoras chamam a atenção para a limitação de uma metodologia puramente quantitativa, razão pela qual também buscam compreender o fenômeno como variação discursiva, como base em breve análise qualitativa dos dados.

O propósito do sétimo texto, “Marcas de monitoramento na enunciação da linguagem da criança”, escrito por Marlete Sandra Diedrich, é, a partir da perspectiva epistemológica da Teoria da Enunciação, discutir o modo como a criança se constitui como sujeito do seu discurso. Para isso, a autora observa as marcas de monitoramento do discurso infantil que ajudam a revelar a singularidade de cada enunciação produzida pela criança sujeito da pesquisa. As análises da autora revelam a existência de uma tentativa de o falante controlar o seu dizer em função das características presentes e decorrentes do ‘aqui-agora’ do ato enunciativo.

Tatiana Mazza da Silva-Surer, em seu artigo “A gramaticalização do juntivo todavia na história do português”, apresenta uma análise da mudança sintático-semântico-pragmática do juntivo adversativo ‘todavia’ na história do português. A fundamentação teórica da pesquisa é a gramaticalização, a partir da qual a autora comprova, por meio de análises contextuais que explicam o surgimento do uso conjuncional adversativo do item, a trajetória de mudança advérbio > conjunção. Os

corpora utilizados abarcam dados de escrita de diferentes textos do século XIII até o século XX. Além disso, a autora faz uma breve discussão do juntivo ‘todavia’ baseada nos estudos de Sweetser (1990) sobre o adversativo italiano *tuttavia* e o inglês *anyway*, a partir da qual se mostram as semelhanças do adversativo português com estes adversativos e a importância da metáfora para explicar o processo de mudança.

Na seção relativa aos estudos literários, encontram-se, neste número da revista, três trabalhos. O primeiro, “A criação do fantástico, do estranho e do maravilhoso em três contos norte-americanos”, escrito por Adolfo José de Souza Frota, discute e analisa contos de três autores norte-americanos dos séculos XIX e XX, tendo como viés analítico a questão do fantástico, do estranho e do maravilhoso nessas histórias.

O segundo texto, “A subversão do mito religioso no conto ‘J’s marriage’, do autor contemporâneo norte-americano Robert Coover”, de Fernanda Aquino Sylvestre, tem por finalidade demonstrar como o autor contemporâneo Robert Coover subverte o mito bíblico de José e Maria no conto “J’s marriage”. Na medida em que o escritor norte-americano chama atenção para o fato de que, se um mito não for eficaz, torna-se apenas ficção, como no conto citado, em que José e Maria se destacam por suas formas humanizadas, acaba por levar seus leitores a questionarem a fé nos mitos e perceberem que, sem polemizá-los, a ordem social, política e religiosa (dependendo do mito) permanecerá a mesma.

O último artigo é de Gislei Martins de Souza e se intitula “A aprendizagem e o prazer em Clarice Lispector”, texto em que se propõe um estudo do romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, procurando compreender a figuração da aprendizagem e do prazer na trajetória feita pela protagonista Lóri rumo ao conhecimento da subjetividade. Problematisa-se como o senso comum perde espaço com o desmoronamento das identidades fixas, o que possibilita à personagem se libertar das amarras inerentes aos modos de ser cristalizados na cultura ocidental, ao mesmo tempo em que propicia uma abertura à aprendizagem do saber invisível, inacessível e inesperado. Para tanto, dialoga com as contribuições da Filosofia, em especial, com o pensamento de Heráclito, ampliado por Heidegger e propagado por Deleuze sobre o conceito de *logos*.

Boa leitura a todos!

Os editores.